

## O BURACO

Sandro William Junqueira

A Ford Transit de caixa aberta sacolejava pela estrada da serra de São Miguel. Os faróis esforçavam-se por iluminar a dimensão do escuro que nos cercava. A paisagem a perder de vista tinha ficado reduzida a três metros para lá do para-choques. Pouco mais. Parecia que alguém tinha desligado todos os olivais e searas. Ao redor, tudo o que nos era familiar, a distância reconhecível aos olhos, tinha-se escondido atrás de um espesso preto.

Ora conta lá outra vez?

Perguntou-me o Tóino enquanto acendia um cigarro e descia o vidro da janela.

Mau. Já contei. Não contei? Já.

Então. O que é que queres?

Mas é um buraco?

Sim.

Um buraco assim tipo buraco?

Sim.

Mas como?

Então. Um buraco buraco. Mas não um buraco daqueles. Sabes.

Um daqueles. Que se encontram por aí aos pontapés. Com a boca escancarada para as canelas, que se tropeças e caís lá para dentro é um deus nos acuda.

Mas é um poço?

Qual poço qual carapuça, Tóino. Que é burro. Não ouviste o que eu disse. É um buraco.

Mas um poço não é um buraco?

É. Mas é feito com a mão do homem porque há água lá em baixo e o homem é um bicho cheio de sede. Tal como as covas no cemitério. São buracos feitos por

nós para esconder quem já não entra nas contas. Este é outra coisa. É outro assunto. É coisa da natureza. Aparece de forma espontânea. Porque a terra assim o quis.

Mas está escuro.

E então?

É de noite, Samuel.

E então?

Não se vê um boi à frente. Como é que o vais achar?

Achando. Trouxe lanternas.

Fizeste um mapa?

Não é preciso. Está tudo aqui.

Onde?

Na cabeça. Além disso, se a memória falhar, aquilo assobia.

O buraco?

Uma modinha que nunca ouviste.

Mas é uma coisa assim paranormal?

E lá deu um piparote na beata ao mesmo tempo que fechava o vidro.

Essa era a minha esperança. Que fosse paranormal, da ordem do místico, um milagre moderno, ou qualquer outra coisa do género. Era por isso que o ia encontrar com facilidade – o lugar que poderia mudar o rumo que a vida levava, e a vida ali da terra, que bem vistas as coisas seguiam em paralelo e de mãos dadas em direção àquilo que nomeamos como futuro quando se olha para a frente com expectativas.

Eu não sabia muito bem o que fazer da minha vida até dar com aquilo.

Trabalhava oito a dez horas no matadouro e ao final do dia jogava matraquilhos enquanto bebia minis no café central até ouvir o cansaço chamar. Ia para casa e no outro dia recomeçava. De afetos nem quero falar. Um tédio, um deserto, um vazio. As coisas são o que são. E lamentos são entretenimento para as pessoas infelizes. Mas agora, estava certo, as coisas iam mudar.

Espalhados pela serra de São Miguel havia com toda a certeza centenas de valas, sulcos, poços, fendas, bueiros, depressões, mas o buraco buraco, aquele que

abre uma clareira na vida e a boca de espanto, e com o qual tinha sido confrontado, esse apenas estava disponível para quem era capaz de estar atento. Somente é capaz disto quem é capaz de atenção, tinha-me dito, uma tarde, o meu padrinho João, enquanto varava azeitonas. E eu tinha sido capaz. E agora sentia-me mais do que atento. Estava de mala aviada para assassinar uma vida em cheio.

É aqui?

É por aqui perto.

Respondi enquanto voltava o foco da lanterna supostamente em direção ao ponto mais alto, onde ficavam a Capela da Nossa Senhora do Carmo e a Praça de Touros.

E o que é que vamos fazer se for verdade?

Perguntou o Tóino enquanto batia com a porta da carrinha.

Mau.

Não. Não é isso. Estás a perceber mal. O que é que vamos fazer depois?

Montar acampamento. Montar um negócio. Sei lá. Estender um tapete vermelho. Levantar carrosséis, fritar churros, fazer um parque temático. Uma coisa te garanto. Virão de todo o mundo. Em chusmas. Aos magotes.

Aos quê?

Virão como moscas. Em excursões. Gulosos, curiosos, ansiosos, crentes e mal dizentes e almas penadas. E pagarão o que for preciso para ver este buraco.

Porra.

É isso mesmo, Tóino.

Até eu já estou a ficar entusiasmado.

É para veres. Agora pega lá nesta lanterna e vem atrás de mim.

Aquele mesmo lugar onde há três noites me tinha livrado, à socapa, de umas quantas carcaças que o chefe me tinha dito para levar do matadouro, seria o nosso bilhete de saída. Eu sabia que o Tóino – meu companheiro de matanças – não tinha acreditado num verbo do que lhe tinha contado no café. Que desde a confissão trazia aqueles olhos de médico que finge seguir com atenção a história do paciente.

E a história não interessa quando o diagnóstico já foi feito.

Depois de uma boa centena de metros demos com o vazio que era tudo. Para grande alegria minha. Para espanto do Tóino. Que meio embasbacado, meio papalvo, meio lorpa, meio pacóvio, olhava para o buraco, para depois olhar para mim. Ou olhava para mim, para depois olhar para o buraco. Sem dizer nada. Sem dizer coisa alguma. Com aquela expressão caída, murcha de quem foi surpreendido pela própria surpresa. De quem percebeu que os pés que tudo sustentam e que existiam um segundo antes, tinham desaparecido. Aconteceu precisamente assim quando atirei lá para dentro as carcaças que trouxera de forma velada do matadouro e o abismo sem dentes, sem cheiro, sem saliva, só garganta, sorveu aquilo. Como se fossem migalhas. Com um notável poder de sucção. Uma boca de aspirador. Fiquei a aguardar o som da queda, natural, expectável, a aguardar pelo barulho das coisas que fazem barulho ao cair, que depois da queda produzem som ao bater no fundo, no chão, numa superfície qualquer, que é para nos certificarmos de que está feito, de que já nos livrámos do peso, da carga, que é o que acontece, que é o que se espera que aconteça quando atiramos algo para dentro de um buraco. Mas não houve ricochete. Apenas um silêncio oco. Um vazio em queda. E, a seguir, um cheio nada.

Foi aí que me dei conta de que estava perante algo muito grande. Muito maior do que eu. Muito maior do que isto tudo. E que o meu padrinho João não era mentiroso nenhum.

Agora já acreditas em mim, Tóino?

Porra.

Mesmo?

Mesmo.

É incrível, não é?

Nunca tinha visto nada assim. Quer dizer. É um buraco. Mas não é nada parecido com...

Para tu veres.

Pois.

Somente é capaz disto quem é capaz de atenção.

Hã?

Nada. Experimenta atirar uma coisa lá para dentro, Tóino.

Atirar?

Sim. Tira lá essa cara de parvo e apaga o cigarro. Agora que já viste, está visto. Precisas é de experimentar.

O buraco?

Sim.

Mas atiro o quê?

Uma coisa. Qualquer coisa.

A beata?

A beata não. Não faz barulho. Uma pedra. Mas não uma pequena. Uma assim bem grande que faça um monte de estragos e estardalhaço. Pousa a lanterna que eu ajudo-te.

E o que sucedeu a seguir foi precisamente como vos vou contar. O cruzamento de um homem comum com um acontecimento. Um choque entre o reino mineral, vegetal, animal e depois o outro – que ninguém sabe qual é. Mal pousámos as lanternas e avançámos para o pedregulho que tinha fisdado, veio sei lá de onde uma tontura. Veio assim de dentro um arrepio, uma nortada que subiu por mim acima. Ficou tudo branco. Pensei de imediato num desmaio. E falharam-me as pernas. Baixei a cabeça. Levei as mãos à testa e cambaleei. Sem força nos braços fiz algumas tentativas para apanhar uma das lanternas e chamei pelo Tóino. Para que me ajudasse. Não estava nada bem. Chamei outra vez pelo Tóino – ajuda-me Tóino que não me aguento – já de gatas, a tatear o chão. Ajuda-me... só que já não havia Tóino. Não havia pedra. Não havia lanternas. Somente o buraco buraco. E o escuro ao redor.

Quando eu era gaiato, o meu padrinho João – um bebedolas, um cata-problemas, um farejador de saias – costumava regar os serões de família ao redor da

lareira com farta aguardente e histórias em barda. De entre as tantas havia uma que me dava arrepios na pilinha. Que no meio da serra existia uma coisa que vinha assim de longe. Uma coisa que assustava, profunda, oca. Que vinha assim por detrás do cu do tempo. Que vinha de ainda antes dos dinossauros terem estourado. Contava que aquilo – ele não nomeava o buraco – não tinha fundo. Não tinha fim. Talvez nem princípio. Que existia para te desfazeres de coisas acabadas, findas, de coisas assim sem valor, sem préstimo, quando não sabes muito bem o que fazer ou como te livrar delas. Que já lá tinha despejado uma debulhadora mecânica, um velho roupeiro, uma mesa de matraquilhos. E que tudo desaparecia, num sussurrar de pestanas, sem deixar ossadas. Todos os que lhe emprestavam ouvidos nesses serões abundantes troçavam do meu padrinho João. Balelas, atoardas, lengalengas. Ao que ele respondia com mais uma aguardente e um içar de ombros. Um dia, o padrinho João decidiu mudar de ares, cheirar outros ventos, olhar outras paisagens, perseguir outras saias. E partiu para África para não mais voltar. Mas o que nos faz estremecer na infância nunca nos abandona.

Arranhei a garganta com gritos cheios do nome do Tóino sem obter resposta. Fugi em busca de ajuda. A vida faz-se de escolhas. Eu escolho. Tu escolhes. Todos fogem. Corri em frente pelo escuro adentro. Pelo umbigo da noite. Numa noite sem lua em Alentejo pleno não há outras referências a seguir que não as do instinto. Eu sabia que se corresse naquela direção, desse por onde desse, chegaria ao início da estrada e encontraria a Ford Transit.

Tropecei um par de vezes. Escalvarei os joelhos. Mas lá dei com o alcatrão. O chão indicativo da civilização. Olhei na presumível direção do buraco e gritei uma última vez pelo Tóino. Nada. A carrinha estaria algures por ali. Estava seguro. Eu lembrava-me. Naquela berma. Tinha quase a certeza. Tinha parado ali. Junto daquele marco. Tinha quase. Estava nada. Voltei a cabeça para o topo da serra e espremi os olhos em busca dos contornos da Praça de Touros ou da Capela. Quais contornos? Uns quantos sobreiros e o vento. E o vazio do desespero a brincar com a angústia. E o avesso de tudo o que era para ter corrido bem.

Comecei a andar pela berma da estrada da serra, da estrada sem nome, em direção à Vila. O sofrimento surge sempre onde antes existiu um plano. E com o plano feito em estilhaços não sabia o que fazer. Pensava em tudo o que tinha acontecido e no Noé a sair da Arca. Em José a sair do poço. No Daniel a sair da cova. No Jonas a sair da baleia. Até em Lázaro a saltar da sepultura. Não haveria mundo sem eles. Sem eles a terra não teria continuado a rodar. Não desta forma. Se eles conseguiram, porque não haveria o Tóino de arranjar uma forma de sair do buraco. Era isto. A esperança a que me agarrava era composta por histórias ilustradas da Bíblia.

É a esperança que nos põe tristes.

Cheguei à Vila atordoado.

Catatónico de impotência, contornei o cemitério e desci em direção à linha do comboio. Parei no meio da estrada. De mãos nos bolsos. A admirar a luz dos candeeiros que incidiam nas paredes caiadas. Na rua deserta que subia até à Igreja da Orada. Toda a distância reconhecível aos olhos ia ficando mais transparente. E atrás daquela renda opaca desapareciam também os sons próprios da noite. Aos poucos, a Vila dissolvia-se e eu deixava-me ir com ela, sem forças suficientes para recusar o que acontecia diante dos meus olhos.

Não conseguia explicar o que estava a acontecer. Um homem só pode agir porque desconhece. Porque não sabe tudo. Porque só tem acesso a um lado do conhecimento. E, com isso, se deve contentar.

Numa coisa estava certo. O meu encontro com o buraco mudara o rumo que a vida levava, e a vida ali da terra, que bem vistas as coisas seguiam em paralelo e de mãos dadas em direção àquilo que nomeamos como desaparecimento quando se olha para a frente com lucidez.

Como o meu padrinho João não voltou de África, eu talvez fosse aquele que sobreviveu para contar a história. Esta.

A realidade é um cemitério de ilusões.

Contar uma história é uma tarefa infinita.